



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Sara Lima Fernandes

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Artistas no Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)

Doutor Carlos Almeida

Julho de 2017

Agradecimentos

A realização deste estudo só foi possível com o apoio direto ou indireto de várias pessoas.

Deste modo, aproveito para agradecer a todos que me apoiaram ao longo deste percurso:

- Em primeiro lugar às crianças, que foram o foco e mesmo sem terem ideia disso foram o ponto mais importante deste estudo. O seu contributo adveio da participação ativa em todas as tarefas. Com estes meninos “cresci” imenso sem dúvida, proporcionaram-me uma constante evolução, tanto a nível pessoal como profissional.

- Ao professor Doutor Carlos Almeida, por todo apoio prestado não só ao longo de todo o ano letivo, mas também ao longo destes três anos.

- À educadora cooperante Branca Afonso, pelo constante incentivo na realização das tarefas, e por todas as intervenções que contribuíram para a melhoria da prática.

- A todos os docentes que ao longo do ano letivo me auxiliaram, transmitindo todos os ensinamentos necessários para que me torna-se uma profissional na área da educação pré-escolar.

- A todas as amigas que conheci desde que aqui cheguei, que me ajudaram e me apoiaram diariamente tornando-se a minha família de Viana.

- À minha família e amigos de longa data que sempre esteve presente em todas as etapas deste percurso académico. Foram um grande apoio, incentivando-me constantemente a terminar esta etapa da minha vida.

- Por fim ao Diogo Vieira, que se tornou no meu maior apoio e incentivo para a concretização desta etapa. Desde o início acreditou que eu era capaz, mesmo quando eu já pensava que já não conseguia e não valia a pena o esforço. Obrigada!

Resumo

Este relatório final da prática de ensino supervisionada II, foi desenvolvido no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar. Envolveu 25 crianças com idades compreendidas entre os cinco e seis anos, num jardim-de-infância na freguesia da Areosa, do concelho de Viana do Castelo.

O presente estudo de investigação pretendeu estudar a influência da arte nas crianças, contornar a ideia que a área das expressões artísticas funciona só como uma atividade lúdica. O estudo é constituído por três partes. A primeira contempla a apresentação e caracterização do contexto educativo onde se realizou esta prática. A segunda parte apresenta a pertinência do estudo e fundamentação teórica, aqui é feita também uma referência à metodologia adotada no estudo – investigação-ação, assim como a análise e interpretação dos dados obtidos e por fim todas as conclusões que foram retiradas de todo o trabalho desenvolvido. Na fase final do relatório é feita a reflexão final sobre a PES, onde é apresentada a análise de tudo o que foi observado e possível reter com esta experiência que irá mudar o meu futuro.

Através da observação efetuada pode-se constatar que a expressão plástica não era das preferidas das crianças, não demonstrando muito agrado cada vez que lhes era proposto atividades dentro deste domínio. Deste modo, providenciou-se diversas atividades com recurso a materiais diversificados com o intuito de mudar as práticas.

Denotou-se uma constante evolução e mudança de pensamento das crianças no que diz respeito a atividades deste teor. No final as crianças demonstravam grande prazer e alegria em atividades deste género alcançando-se assim a evolução pretendida nas suas ações, atingindo os objetivos traçados.

Palavras chave: expressão artística; expressão plástica; pré-escolar.

Abstract

This paper is the final report of the project developed under the Supervised Teaching Internship II. This was developed under the Master in Preschool Education. The project involved 25 children with ages between five and six in a kindergarten, located in Areosa, Viana do Castelo.

The aim of this study was to research the influence the plastic arts has in children, in order to move away from the common idea that artistic expression is only a playful activity.

This study consists of three parts. In the first part the characterization and the presentation of the educational context where the internship took place are presented. In the second part it is presented the relevance of the study and the theoretical background in which the study relays on. Here the methodology used in the research is presented - investigation-action, as well as the analysis and interpretation of the data obtained.

The conclusions drawn from the research are also presented. The third part of the paper consists of the final reflection on the internship, where the final analysis of the whole project is presented and where I reflect on what I have learned and what I will take away from this work.

It was observed that artistic expression was not the children's favorite activity, as they expressed little enthusiasm when artistic activities were suggested. I developed and put in motion several activities in order to change this. The children reacted positively. Slowly and steadily they became more receptive towards activities in the artistic area, and by the end of the project their attitude towards the artistic expression had changed significantly. It can be concluded that the goals of the project were achieved successfully.

Keywords: artistic expression; plastic expression; preschool.

Índice

Agradecimentos	I
Resumo.....	II
Abstract	III
Introdução.....	1
Capitulo I	4
Caraterização do contexto social e cultural	5
Caraterização do contexto educativo	5
Caraterização do jardim-de-infância	6
Recursos humanos	7
Caracterização da sala de atividades	8
Caraterização do grupo	9
Capitulo II	10
Introdução	11
Pertinência do Estudo	11
Fundamentação Teórica.....	12
Educação de infância como elemento do sistema educativo	12
Escola, criança e família	13
Áreas de Conteúdo no Pré-escolar.....	15
Área da expressão e comunicação.....	15
Importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar.....	17
Metodologia.....	20
.....	22
Papel do educador durante a investigação.....	22
Participantes.....	23
Instrumentos de recolha de dados	23
Observação.....	24
Notas de campo	25
Registo audiovisual.....	25

Desenhos e pinturas.....	26
A ética e a confidencialidade	27
Descrição das atividades desenvolvidas	27
Atividade nº. 1: Pintura da primavera.....	27
Atividade nº. 2: Massa de modelar	30
Atividade nº. 3: Vitrais.....	31
Análise e Recolha de dados.....	33
Atividade nº 1 “Pintura de Primavera”	33
Atividade nº 2 Massa de modelar	38
Atividade nº 3 Vitrais.....	43
Apresentação pública dos trabalhos realizados:.....	47
Conclusões	50
Capitulo III	53
Reflexão final.....	54
Referências Bibliográficas	56
Anexos	57
Anexo1.....	58
Anexo 2.....	59
.....	59

Índice de imagens

Imagem 1- Jardim de Infância - Meio- Areosa	7
Imagem 2- Disposição da sala de atividades	8
Imagem 3- B pintando um vaso de 12 girassóis	34
Imagem 4- Desenho de BL	35
Imagem 5- Desenho e pintura da AF	36
Imagem 6- G a iniciar a sua pintura	36
Imagem 7- Quadro de introdução da atividade	40
Imagem 8- A F e F a iniciarem a pintura das suas peças	41
Imagem 9- A A pintar a cabeça do tubarão	41
Imagem 10- Tartaruga da IM	42
Imagem 11- Polvo da M	42
Imagem 12- Início da pintura do vitral do G	45
Imagem 13- Felicidade da B preparada para iniciar a pintura do vitral	45
Imagem 14- Pintura do vitral do S	46
Imagem 15- Cartaz da exposição	48
Imagem 16- exposição	49
Imagem 17- exposição das telas	49
Imagem 18- exposição das peças de massa de modelar	50
Imagem 19- exposição do vitral	50
Imagem 20- quadro de Peder Mork	60
Imagem 21- quadro de Vangogh	60

Introdução

O presente relatório surge no âmbito da unidade curricular de PES, parte integrante do Mestrado em Educação Pré-escolar de acordo com as orientações previstas no Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro. Este relatório visa a obtenção do grau de mestre, habilitando para a docência em Ensino Pré-escolar. Neste sentido, a sua elaboração corresponderá a uma síntese de todo o trabalho desenvolvido no decorrer do mesmo. Todo o processo foi desenvolvido de acordo com o pressuposto de que a qualidade da educação e os resultados de aprendizagem estão estreitamente articulados com a qualidade da qualificação dos docentes (Decreto-Lei n.º 43/2007).

Durante todo o processo de construção do relatório houve sempre procura de orientação que proporcionasse todo um desenvolvimento pessoal e profissional, com vista numa emancipação profissional que habilitasse a formanda para um exercício profissional ajustado e progressivamente autónomo.

Ao longo de todo o percurso desenvolvido, existiu sempre uma enorme colaboração com os professores da ESE, com os colegas de turma, com os agentes educativos do contexto de estágio, mas, sobretudo, com o orientador cooperante e com os supervisores. A reflexão realizada mediante o confronto de diferentes perspetivas possibilitou a tomada de decisões mais conscientes e fundamentadas, enriquecendo não só o processo de ensino e aprendizagem, mas também o processo formativo da formanda.

Através deste estudo, com apoio dos resultados obtidos com a investigação realizada, procurou-se apresentar, se as crianças são recetivas ou não à arte, quais as conceções que estas criam sobre diferentes tipos de obras realizadas pelas mesmas, e ainda o contributo destas para a exteriorização dos seus sentimentos.

Se por um lado as obras de arte estão presentes no nosso dia-a-dia, por outro nem sempre o sistema de ensino facilita o envolvimento das crianças com diferentes tipos de expressão. Por vezes não é reconhecido o verdadeiro valor que esta tem, tornando-a somente um fator lúdico. Como referem Brito e Godinho, a área das expressões artísticas

não são meramente uma atividade lúdica, mas também devem ser vistas como uma perspectiva de desenvolvimento cultural da criança. (Brito & Godinho, 2010)

A escolha do tema foi feita de forma consciente, tendo em conta a carência deste tipo de práticas no dia-a-dia das mesmas dentro da sala de atividades. A estagiária proporcionou atividades onde o lúdico encontrava-se intrínseco, de forma de motivar e de despontar sentimentos diversos em relação ao Domínio das Expressões.

Através das observações no contexto de estágio a investigadora pode analisar que o grupo de crianças apresentava muita curiosidade sobre tudo que o rodeava. No entanto, raras eram as iniciativas de aproximação à arte, o que condicionava também o despertar da curiosidade para este tipo de expressão.

Dado que a primeira etapa de aprendizagem é o ensino pré-escolar, é importante proporcionar às crianças uma abordagem ao processo artístico na sua globalidade, despertando a expressividade, a comunicabilidade e a sensibilidade estética.

“A educação estética, partindo do contexto educativo da educação pré-escolar, estará presente no contacto com diferentes formas de expressão artística que serão meios de educação da sensibilidade. O contacto com o meio envolvente, com a natureza e com a cultura, permitirão às crianças apreciar a beleza em diferentes contextos e situações.”

(Silva M. I., 1997, p. 55)

Assim o grande objetivo e finalidade principal deste projeto de investigação é a alteração de práticas educativas. O maior problema da aplicação deste trabalho, deve-se ao facto da educação artística/criatividade “obrigar” a uma mudança de atitudes e hábitos, o que implica a aquisição de uma consciência não só artística, como também estética. Assim, neste estudo a investigadora pretende valorizar o contributo do processo criativo e não só o produto final. É importante salientar que cabe ao educador estimular esse gosto, especialmente no campo da expressão plástica.

Optou-se por uma metodologia de investigação-ação, no sentido de conseguir recolher informação pertinente acerca desta problemática através do contato direto no campo de ação.

O presente relatório é composto por três capítulos. No primeiro capítulo é feita uma contextualização do estudo, o segundo capítulo contempla a fundamentação teórica

suportada com alguns autores. No último capítulo são apresentadas todas as conclusões de todo o trabalho desenvolvido e todo o contributo que este trabalho trouxe tanto a nível pessoal como enquanto futura educadora de infância.

Capitolo I

Neste capítulo está incluído a caracterização do contexto educativo da Prática de Ensino Supervisionada II. Encontra-se abordada a caracterização do meio em que, o jardim-de-infância se encontra inserido e é feita também uma caracterização da instituição educativa. No que diz respeito à instituição faz-se referência aos seus recursos humanos, e às características estruturais da sala de atividades. Por fim é feita uma caracterização do grupo.

Caraterização do contexto social e cultural

O contexto de estudo é um Jardim de Infância situado no concelho de Viana do Castelo, na freguesia da Areosa, uma freguesia relativamente extensa (1622 habitantes).

Areosa possui uma diversidade de paisagens, das mais belas, quer seja a serra, o mar e a praia. Faz fronteira com as freguesias de Carreço, Perre, Santa Maria Maior e Meadela. Segundo os Censos de 2011 esta freguesia tem cerca de 4.900 habitantes.

Possui inúmeras associações, coletividades e instituições dentro das mais diversas áreas: comércio e indústria, religião, desporto, cultura e educação.

Caraterização do contexto educativo

O estudo desenvolveu-se no jardim-de-infância de Meio, este está integrado no Agrupamento de Escolas Atlântico.

O horário de funcionamento do jardim-de-infância é das 8h às 18h, sendo que o horário letivo é das 9h00 às 15h30. A hora de almoço realiza-se entre as 12h00 e as 13h30 e todo o grupo almoça na cantina do jardim-de-infância.

Há um intervalo ao início da tarde depois do almoço, iniciando-se as atividades às 14h00. O intervalo é realizado no recreio exterior no jardim ou no polivalente, quando o clima não está propício.

A unidade de apoio à família, prolongamento de horário, funciona entre as 8h00 e as 9h00 e das 15h30 às 18h00.

Caraterização do jardim-de-infância

O jardim de Infância do Meio- Areosa, é um edifício que foi criado de raiz para o efeito. Possui dois pisos, no primeiro se situam as três salas de atividades, uma de componente de apoio à família, o gabinete das educadoras e ainda uma casa de banho de apoio às três salas. No piso inferior situa-se a cantina, o ginásio e duas casas de banhos, uma para os adultos e outra para as crianças.

Na zona exterior possui um recreio, bastante amplo onde as crianças podem brincar à vontade. Este tem três tipos de piso, uma área cimentada que circunda todo o edifício, e que possui desenhos pintados como por exemplo a macaca e pistas de carros proporcionando assim diversas atividades. Uma zona relvada que para além de permitir o contacto com a natureza possui uma casa de madeira bastante apreciada pelas crianças. E por fim a zona dos baloiços, escorrega e balance, aqui o piso é antichoque para amortecer possíveis quedas naturais de brincadeiras nestes equipamentos.



Imagem I- Jardim de Infância - Meio- Areosa

Recursos humanos

Fazem parte desta instituição vários profissionais que proporcionam às crianças um bom desenvolvimento psicossocial, trabalhando todas com o intuito de satisfazer as necessidades e interesses das mesmas.

No que diz respeito ao corpo docente, estão afetas três educadoras, responsáveis pelas três salas de atividades, e uma educadora-coordenadora. Relativamente ao pessoal não docente este é composto por duas auxiliares de ação educativa, uma tarefeira, duas cozinheiras e uma animadora responsável pela componente de apoio à família.

Conta-se ainda com o apoio de três professores externos ao jardim que lecionam: a sessão de expressão motora, de expressão musical e de inglês.

Caracterização da sala de atividades

A sala de atividades está dividida por áreas de atividades, sendo que no meio da sala possui um conjunto de mesas agrupadas em forma de U. Cada criança tem a sua cadeira identificada com uma etiqueta com o seu nome, promovendo um espírito de responsabilidade e autonomia a todos. Nas mesas realiza-se o acolhimento e as rotinas, momentos de diálogo em grande grupo e são o apoio a atividades individualizadas como jogos de mesas e atividades de expressão plástica.

No meio das mesas, no chão, situa-se a área dos carrinhos, pista de comboios e das construções, bastante apreciada pelos rapazes principalmente.

Num dos cantos da sala situa-se a zona da casinha e dos disfarces, onde se encontram móveis dispostos a formar uma cozinha e um quarto. Esta é uma das zonas prediletas das meninas.

Ao lado da casinha está situado o quadro negro, onde as crianças tem liberdade de exploração fazendo desenhos ou escrevendo os seus nomes. Mesmo ao lado encontra-se o computador e a biblioteca. Tanto o quadro como o computador tem imensa adesão da parte de todos os meninos, já a biblioteca não é tão requisitada pelas crianças, talvez por não haver momentos que proporcionassem calma suficiente para pegarem num livro e se sentarem a “ler”. Há ainda uma mesa redonda de suporte a todas as atividades de expressão plástica.



Imagem 2 – disposição da sala de atividades

Caraterização do grupo

É um grupo de 25 crianças, com 5 anos de idade, (à exceção de uma menina de 6 anos que por opção dos pais ficou mais um ano no pré-escolar), 12 deles são do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A maioria do grupo conhecem-se desde os 3 anos, idade com que entraram para o jardim-de-infância, embora nem todos tenham sido da mesma sala. Este ano entraram ainda 2 crianças que vieram transferidas de um jardim da rede solidária existente na freguesia. Todas as crianças residem em Viana do Castelo em freguesias vizinhas.

Embora seja um grupo bastante dinâmico e participativo, não demonstram muita autonomia na realização dos trabalhos necessitando constantemente do apoio da educadora/estagiária e da aprovação da mesma. Deste modo, podemos identificar como maior problemática a área de formação pessoal e social e a área de expressão e comunicação.

Capitulo II

Introdução

Este estudo enquadra-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado em contexto de jardim-de-infância, mais propriamente no concelho de Viana do Castelo, na freguesia da Areosa.

Aqui é feita uma abordagem à pertinência do estudo, à fundamentação teórica, metodologia e análise d recolha de dados, descrição e reflexão de atividades e por fim todas conclusões do estudo.

Questões de investigação:

Qual a importância expressão plástica no ensino pré-escolar?

Que vantagens existem no ensino a utilização de diferentes técnicas de expressão plástica para o desenvolvimento integral das crianças?

Quais as conceções que as crianças tem em relação às obras de arte?

Pertinência do Estudo

Aristas no Pré-escolar é um estudo que explora a área da expressão plástica. A escolha do tema do estudo de investigação, emergiu após uma observação e reflexão sobre as ações dentro da sala de atividade do grupo de crianças em questão.

Verificou-se a necessidade de serem trabalhadas atividades apelativas, cativantes, com um carácter lúdico, pois é de extrema importância desenvolver atividades deste cariz com crianças nesta faixa etária. A maioria das crianças nesta ainda tem muita dificuldade em se exprimir através de um simples desenho considerando esta tarefa muito aborrecida. Em idade pré-escolar devem ser proporcionadas atividades deste teor facilitando a expressão dos seus pensamentos e emoções.

Deste modo decidiu-se que a temática do estudo seria esta, para práticas e assim mudar a visão e o pensamento das crianças.

Fundamentação Teórica

Educação de infância como elemento do sistema educativo

A palavra educação nem sempre é interpretada da forma mais correta sendo muitas vezes erradamente utilizada como sinónimo da palavra ensino. Não podemos compreender educação como uma transmissão de saber e conteúdos, mas sim como uma partilha de conhecimentos, uma capacidade de auxiliar a desenvolver capacidades através das diferentes expressões.

“As linhas de pensamento pedagógico que adotaram segundo conceito de educação (entre as quais se situa a Educação Artística), concebe educação como desenvolvimento, como um modo de evolução da pessoa Education=Elever), distinguindo-a do ensinar para valorizar o imaginar, o criar, o ajudar a desenvolver capacidades latentes através da expressão...” (Sousa, 2003, p. 43)

Segundo Ministério de Educação (1986), podemos entender que o sistema de educação é todo o conjunto de meios que possibilitam e dão direito à educação, sendo que toda a população tem direito à mesma. O sistema educativo está organizado em níveis de educação, formação e aprendizagem. A educação pré-escolar pode ser entendida como um suplemento à educação familiar, é facultativa, e engloba crianças desde os três anos até à entrada no ensino básico, entre os 5 e 6 anos. A educação escolar complementa o ensino básico, secundário e superior.

O pré-escolar tem o intuito de fazer com que a criança se torne participante da sociedade em que ele está inserido, que ele possa criar, pensar, sentir o mundo e que se possa expressar não somente por meio de palavras, mas por outras linguagens. Assim como refere na lei de bases do sistema educativo cabe ao educador desenvolver atividades que facilitem a expressão criativa de cada criança.

Escola, criança e família

Tal como afirma Marques, é na própria família que se inicia a educação da criança. Assim, podemos afirmar que os pais são os primeiros educadores das crianças, e os principais responsáveis pela educação das mesmas ao longo de toda a vida. (Marques, 2001, p. 10)

Podemos designar educador como um “profissional que orienta e é responsável por crianças do ensino pré-escolar, sendo a sua competência organizar e aplicar os meios educativos adequados ao desenvolvimento integral da criança” (infopédia, 2003/2016, p. s/p).

Existem seis fases importantíssimas no processo ensino aprendizagem: observar; planear; agir; avaliar; comunicar e articular. Só seguindo estas fases é que é possível realizar uma prática vantajosa para o desenvolvimento integral da criança.

É de extrema importância que a família seja integrada no desenvolvimento individual ao longo do ano escolar e deste modo que participe diretamente nas atividades que se vão desenvolvendo. O educador e toda a comunidade educativa devem proporcionar atividades ao longo do ano que insira a família na vida ativa da escola, não só nas datas festivas. Os pais vão-se sentir inseridos no contexto escolar e ajudar nas aprendizagens das crianças. Tal como referem Hohmann e Weikart, “(...) os adultos podem igualmente “agarrar” as famílias fazendo-as sentir desejadas e bem aceites no contexto escolar.” (Hohmann & Weikart, 2009, p. 117)

Se antigamente o pré-escolar era visto como um sítio onde as crianças passam o dia-a-dia a brincar nos dias de hoje esta visão está a ser alterada. Os pais vão-se apercebendo que as crianças vão construindo diariamente o seu conhecimento por vezes a partir de simples “brincadeiras” como vulgarmente se diz.

Podemos afirmar que restrições colocadas por pais e educadores, levam muitas vezes a um corte radical na capacidade criadora da criança. Deste modo a autoconfiança é perdida, pois a criança sente que os seus trabalhos são alvo de críticas e que não poderão mais expressar-se livremente.

Assim, é importante que a família e os próprios educadores incentivem e motivem as crianças nas suas criações.

Áreas de Conteúdo no Pré-escolar

As orientações curriculares foram criadas para facilitar a compreensão dos objetivos que as crianças devem alcançar segundo a Lei de Bases do sistema Educativo. Segundo Silva e Marques, pretende-se que as orientações curriculares sejam como um apoio para o desenvolvimento da criança no sentido que levando-as a defender as suas ideias, contribuindo para a aprendizagem de todos. (Silva & Marques, 2016, p. 9)

As OCEPE (orientações curriculares para educação pré-escolar), pretendem auxiliar o educador na prática em sala de atividades, de modo a facilitar o processo educativo que este vai desenvolver com as crianças. São uma referência comum para toda a comunidade educativa do nosso país e delinham a componente educativa e não devem ser interpretadas como um programa, pois não se centram na previsão das aprendizagens a realizar com as crianças, mas sim nas indicações para o educador.

Dentro das OCEPE, encontramos as áreas de conteúdo. De uma forma muito sucinta, as áreas de conteúdo, são âmbitos do saber, como estrutura que pressupõem uma interligação entre a aprendizagem e os conhecimentos. As diferentes áreas devem ser consideradas como referências que têm de ser tidas em conta no processo de planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades.

As áreas de conteúdo são: a área de formação pessoal e individual, a área de expressão e comunicação e a área de conhecimento do mundo.

Área da expressão e comunicação

A área de expressão e comunicação abrange diferentes formas de linguagem indispensáveis à interação com os outros, engloba o domínio da educação motora, o domínio da educação artística, domínio da linguagem oral e escrita e o domínio da matemática.

“A área da expressão e comunicação engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e progressivo domínio de diferentes formas de linguagem.” (Silva M. I., 1997, p. 56)

Dentro do domínio das expressões, temos quatro vertentes: a expressão dramática, expressão motora, expressão musical e a expressão plástica. Cada um destes domínios tem a sua especificidade própria, mas no entanto não pode ser visto individualmente pois complementam-se mutuamente. Qualquer um deles apela à diversificação de experiências de aprendizagem através do manuseamento de diferentes materiais enquanto vai dominando o seu próprio corpo.

Sendo a temática deste projeto “Artistas no pré-escolar” é dado um ênfase maior ao domínio da expressão plástica.

Quando uma criança entra no pré-escolar já tem alguma facilidade no manuseamento de certos materiais, mas é necessário ter em conta que nem todas possuem o mesmo nível de vontade. Tal como refere Bédarde, o simples fato de manusear um lápis enquanto desenhavam pode ser uma tarefa complicadíssima, tornando-se uma autêntica adversidade. (Bédarde, 2000, p. 8)

Pretende-se que as atividades de expressão plástica sejam prazerosas para as crianças que estas exteriorizem as imagens, as ideias que no seu consciente constroem, tornando-se assim um processo de aprendizagem educativa realizada com satisfação. Deste modo, cabe o educador estimular as crianças ao mesmo tempo que as apoia no processo individual de aprendizagem. Tal como refere Maria Isabel Silva, enquanto meio de representação e comunicação pode partir da iniciativa da criança ou mesmo do educador, através de vivência individuais ou de grupo, como por exemplo recriar uma visita de estudo, uma atividade desenvolvida ou até mesmo uma história que tenha sido lida. (Silva M. I., 1997, p. 61)

No que diz respeito aos materiais, estes devem ser diversificados e de qualidade de modo a possibilitar à criança uma maior liberdade no que diz respeito à exploração dos materiais e a apresentação daquilo que deseja criar. Como afirma Leite e Malpique “A boa relação com o material tornou os desenhos ainda mais expressivos.”. (Leite & Malpique, 1986, p. 72)

Importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar

A expressão Plástica é um dos meios que a criança encontra de exteriorizar e comunicar de forma particular, o modo como observa o mundo que a rodeia, manipulando a matéria, de forma criativa. “A educação artística nas escolas deve permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções.” (Rodrigues, 2002, p. 14)

A criança possui uma necessidade de se exprimir e de comunicar natural, tendo em conta que neste faixa etária ainda não possui instrumentos metalinguísticos para o fazer, o educador, como orientador, deve ajuda-la a exprimir-se pela pintura, pelo desenho, pelos trabalhos manuais ou por qualquer outra expressão.

Em simultâneo com o desenho e com a pintura, a criança pode modelar, rasgar, recortar e colar, com diversos materiais. É através da modelagem, que a criança começa a exercitar os seus próprios dedos e a desenvolver o seu sentido do volume e do espaço. A consciência táctil dos materiais (areia, barro, argila, plasticina, cartão, papel) permite à criança descobrir através do uso das mãos, (apalpar, tocar, agarrar, modelar) a forma e a textura. Alguns autores garantem que a utilização de diferentes matérias é, acima de tudo, um “estímulo para a criança”. Como refere Elvira Leite e Manuela Malpique “*A boa relação com o material tornou os desenhos ainda mais expressivos*” (Leite & Malpique, 1986, p. 72). Com estas técnicas a criança começa a adquirir uma maior coordenação psicomotora, começa a conseguir exprimir com as mãos o que a mente concebe e imagina. Através da expressão plástica a criança adquire uma percepção visual mais nítida das formas e imagens, originando conseqüentemente um crescimento de sua desenvoltura.

“A educação pré-escolar é um contexto de socialização em que muitas aprendizagens decorrem de vivências relacionadas com o alargamento do meio familiar de cada criança, de experiências relacionais e de ocasiões de aprendizagem que implicam recursos humanos e materiais diversos” (OCEPE, 1997, p. 34)

Cabe à Educação Artística no Pré-escolar, permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções. Nas escolas utiliza-se a imaginação e criatividade ao inventar coisas novas e a expressar sentimentos e

manifestar diferentes formas de entender a vida. Compreende-se que o ensino da arte e a presença da arte na escola desempenham uma função essencial que ultrapassa a execução de uma simples disciplina curricular.

A necessidade natural que a criança tem de exprimir e de comunicar sensações corporais, sentimentos de alegria, tristeza, ideias, curiosidade e experiências, impõe que o educador, como orientador, a ajude a exprimir-se pela pintura, pelo desenho, pelos trabalhos manuais ou por qualquer outra expressão. Como refere Brito e Godinho “a expressão plástica deve combinar experiências em torno da exploração e descoberta (criação), da utilização de técnicas (execução) e do contacto com diferentes formas de manifestações artísticas (apreciação)” (Brito & Godinho, 2010, p. 11). Assim sendo, o importante não é formar artistas, mas sim estimular nas crianças um gosto por experimentar diferentes técnicas, diferentes materiais, proporcionar novas experiências, resumidamente sensibiliza-los para a arte. Como refere Charreu “uma sensibilidade plástica mais apurada e uma experimentação mais variada”. (Charreu, p. 164)

A educação e a arte estão sempre diretamente interligadas, a arte deve ser a base da Educação. Pode ser entendida como uma forte ferramenta de exteriorização de sentimentos e de independência emocional das crianças. Segundo Herbert Read “a arte faz parte do processo biológico do Homem”, (Read, 2001, p. 13), isto é, todo o ser humano nasce com essa capacidade mais ou menos desenvolvida, faz parte do processo de criação de todo o Homem. A capacidade de desenvolver, descrever e representar tudo que o subconsciente lhes transmite é designada por criatividade.

“Os objetivos, que da Educação pela Arte, quer das Artes na Educação, não são a produção de obras de arte, mas a elevação espiritual da criança ao belo e ao bem e a expressão das emergências da sua vida afectivo-emocional. “ (Sousa, 2003, p. 96)

Se por um lado os conceitos de arte, criatividade, bonito ou feio, são extremamente subjetivos, por outro lado as crianças não se deviam preocupar em desenhar algo por ser bonito, o criar uma obra de arte, mas sim desenharem o que lhes vai na alma.

“A criança quando desenha ou pinta, não faz com a intenção de criar qualquer obra para ser contemplada ou avaliada por outras pessoas. O objetivo da sua ação criadora não é o desenho ou a pintura em si, mas a catarse das suas forças inconscientes mais profunda.” (Sousa, 2003, p. 167)

Metodologia

Neste subcapítulo é apresentada a metodologia adotada neste estudo (investigação-ação), fazendo uma referência às vantagens e desvantagens do método de investigação utilizado. É feita uma enumeração dos instrumentos para a recolha de dados utilizados e ainda uma referência às questões éticas da mesma.

Perante a problemática diagnosticada, planou-se atividades que estimulassem a sua autoconfiança, pois nem sempre o grupo de crianças tecia comentários sobre um número indeterminado de temas por terem medo ou por não os considerarem válidos. O mesmo se verificava com os desenhos ou pinturas que realizavam em contexto de sala de atividades. Todas as crianças do grupo demonstram grande insegurança em realizar atividades de expressão plástica com medo que os outros não achessem o produto final bonito.

É importante ter em linha de conta que as conclusões a retirar do presente estudo não serão generalizáveis. Serão válidas apenas para os respetivos participantes.

Questões de investigação:

Qual a importância da expressão plástica no pré-escolar?

Que vantagens existem no ensino a utilização de diferentes técnicas de expressão plástica para o desenvolvimento integral das crianças?

Quais as conceções que as crianças tem em relação às obras de arte?

Considerou-se que esta metodologia, a investigação-ação, é vantajosa pelo fato de permitir uma maior interação e envolvimento na pesquisa e resolução da situação em causa.

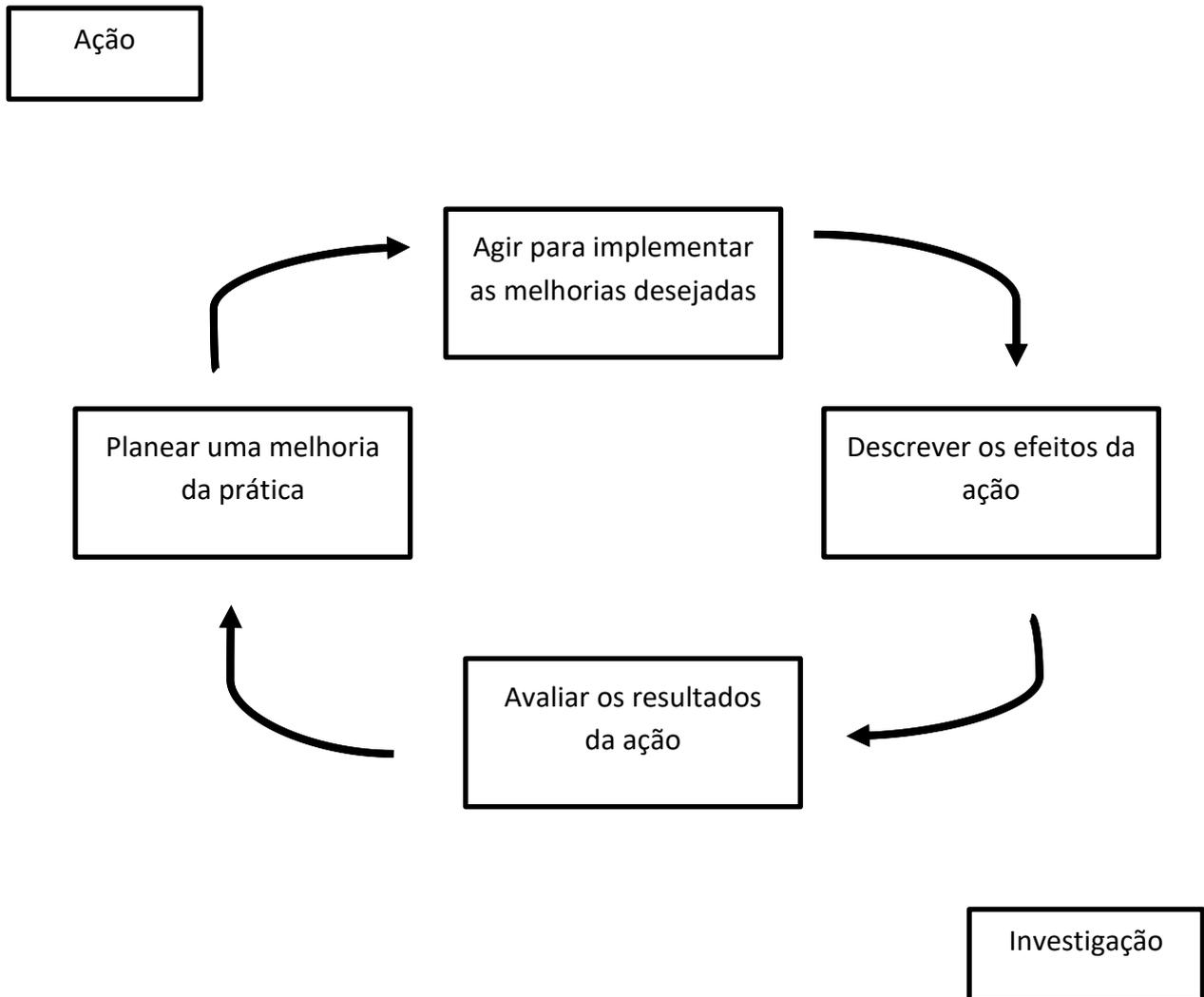
“A investigação-ação é uma metodologia caracterizada por uma permanente dinâmica entre teoria e prática em que o professor interfere no próprio terreno de pesquisa, analisando as consequências da sua ação e produzindo efeitos diretos sobre a prática”.

(Arlacão, 2010, p. 116)

A investigação-ação é usada para este estudo, pois está direcionada para a mudança e melhoria da prática. Sendo esse um dos objetivos fundamentais, procurando aperfeiçoar os resultados observados, sem comprometer a aprendizagem e o desenvolvimento dos participantes. Uma vez que, “A investigação ação orienta-se claramente para o desenvolvimento de conhecimento-intervenção nos sistemas sociais com objetivo de provocar mudanças.” (Oliveira, Pereira, & Santiago, 2004, p. 29)

Como em todos os trabalhos de pesquisa é necessário ter em conta uma série de cuidados, pois não basta criar um trabalho e projetar as ideias para as atividade, é extremamente importante ter em conta quais os aspetos fulcrais que um trabalho de pesquisa necessita. Existe uma componente teórica, onde primeiramente é necessário delinear um plano para as abordagens a fazer, isto é, a forma como será feita essa abordagem considerando sempre os passos necessários a ter numa investigação/ação. Ao contrário do que defende a investigação quantitativa, a investigação qualitativa valoriza o processo de investigação e não só os resultados obtidos. Assim, cada ação foi objeto de uma avaliação e reflexão para que as planificações a implementar seguidamente tivessem em linha de conta os resultados concretos da ação anterior, nomeadamente os ganhos e dificuldades diagnosticados. Podemos então compreender que o processo de investigação-ação passa por várias etapas tendo sempre em vista a melhoria da prática. Primeiramente há uma avaliação, de seguida uma implementação e observação e por fim uma reflexão. Em primeiro lugar houve uma observação onde foi detetada a problemática em questão e de seguida foi feita a planificação das atividades a realizar para combater esta problemática. De seguida, foram implementadas as atividades planificadas e foi feita observação de todos os pormenores da ação. Por fim é feita uma interpretação dos resultados obtidos e uma reflexão de toda a ação desenvolvida.

O seguinte diagrama representa o modo como se processa a investigação ação criado por David Tripp.



(Tripp, 2005, p. 446)

Papel do educador durante a investigação

O papel do professor/ educador durante um processo de investigação, também passa por ser de um investigador e deste modo pode-se tornar uma desvantagem deste método, pois há a necessidade de desempenhar dois papéis em simultâneo o que nem sempre é tarefa fácil.

Por outro lado a maior vantagem deste método é o fato de o educador ser um interveniente, pois está em contato direto no terreno facilitando a sua investigação.

Foi realizada uma descrição de cada criança para que ser estabelecido uma relação de proximidade com o grupo de crianças o que permitia a elaboração da melhor proposta pedagógica de atividades a desenvolver no âmbito do tema da investigação descrito anteriormente. Assim, as atividades a desenvolver seriam ajustadas para irem de encontro aos objetivos delineados.

Participantes

O grupo do estudo pertencia ao último ano de educação pré-escolar. Um grupo de 25 crianças com idades compreendidas entre os 5 e 6 anos. Sendo a idade predominante os 5 anos, havendo somente uma menina com 6 anos. O género predominante é o feminino, 13 meninas e 12 meninos.

Instrumentos de recolha de dados

Foi necessário decidir a forma como iria efetuar o registo de todas as atividades realizadas, de modo a que fosse possível refletir de uma forma mais correta sobre todo o projeto. É importante referir que todos os instrumentos de recolha de dados têm vantagens e desvantagens, e que a investigadora tem de ter noção das mesmas. A observação participante, as notas de campo, a documentação fotográfica, filmagens bem como a análise de produções das crianças foram os instrumentos metodológicos utilizados para registar os dados da observação, todos juntos possibilitaram uma melhor análise. Tal como refere “...as diversas escolhas de técnicas de recolha de dados não se excluem mutuamente.” (Lessard-Hébert, 1996, p. 103). Assim podemos afirmar que é essencial utilizar vários instrumentos para que se possa fazer uma triangulação dos de dados.

As análises sobre as produções das crianças, foram um dos objetos mais profícuos de todo o estudo ao longo de todo o processo investigativo. Desta forma, o grau de dificuldade das tarefas propostas podia ser ajustado e articulado com os ganhos e dificuldades sentidas desde a primeira atividade até ao produto final.

Observação

Foi usada uma observação participante, onde é pressuposto que o observador participe ativamente no contexto de observação.

No decorrer das sessões foram observadas todas as crianças no desenvolvimento do trabalho e no empenho em todas as tarefas propostas. Deste modo, foi possível encaminhar as análises das crianças sobre as obras observadas e efetuadas indo de encontro ao propósito deste estudo.

“A observação participante é uma técnica de recolha de dados que tem a sua origem em investigações feitas no campo da antropologia cultural e etnológica. O observador torna-se participante para melhor penetrar num meio social estranho (uma cultura, uma subcultura, uma instituição, um grupo social), compreende-lo e observa-lo.” (Lessard-Hébert, 1996, p. 103)

Tendo em conta que o observador é um elemento ativo na vivência poderá condicionar a sua observação tornando-a seletiva afirmando-se deste modo que está é uma desvantagem deste método. Por outro lado, a vivência as situações que estão em observação facilita o processo de compreensão das mesmas.

Notas de campo

Foram usadas as notas de campo, como enriquecimento do trabalho. Nas notas de campo estão incluídas as reflexões das crianças sobre as obras observadas, comentários que estas teciam no decorrer dos trabalhos e também considerações sobre os próprios trabalhos. Por vezes o fato de a investigadora estar a tomar nota dos comentários das crianças, poderia perder algum pormenor importante para o estudo. No entanto é sem dúvida um instrumento muito importante na medida que foi muito útil na análise de dados obtidos.

Registo audiovisual

As fotografias foram um ótimo apoio nesta investigação, na medida em que serviram de suporte para análise e visualização dos trabalhos realizados pelas crianças. Tornou-se uma das ferramentas muito importante para interpretação, e análise da recolha de dados.

Assim como afirma Esteves, “as imagens registadas não pretendem ser trabalhos artísticos, apenas documentos que contenham informação visual disponível para mais tarde, depois de convenientemente arquivadas, serem analisadas e reanalisadas”. (Esteves, 2008, p. 91)

Embora os vídeos não tenham sido sempre utilizados, foram um forte contributo para registar alguns comentários que as crianças iam tecendo relativamente às suas obras de arte, permitindo assim verificar a ação desenvolvida com mais detalhe durante a implementação. Por outro lado, o fato do vídeo não ter um angulo geral da sala não é possível visualizar toda a ação a ser desenvolvida.

Desenhos e pinturas

Tantos os desenhos como as pinturas são uma ferramenta que ajustar as atividades seguintes e reajusta-las. É ferramenta indispensável para que se possa diagnosticar a problemática. Sendo que o desenho é o ponto de partida de todas as atividades desenvolvidas no decorrer de todo o projeto de investigação. Tornando-se muito interessante verificar a evolução dos mesmos e a dedicação que as crianças tinham ao realiza-los no final do ano letivo.

Plano de ação

O plano de ação decorreu durante o segundo semestre do ano letivo 2012/2013. Este teve início em fevereiro onde se definiu a problemática do presente estudo, se traçou a questão de investigação e os objetivos a atingir com este estudo.

O tempo de investigação teve na totalidade duração de 8 meses, no entanto o tempo das atividades proposto tenha tido somente duração de 3 meses. Embora nas planificações, cada atividade estivesse planeada para uma sessão, houve necessidade de prolonga-las para sessões seguintes, pois eram materiais muito delicados, alguns deles as crianças estavam a ter o seu primeiro contato. Assim o tempo destinado para cada atividade variou consoante a concretização das mesmas por parte das crianças.

O primeiro semestre foi a base de sustentação de todo o plano de ação, quer pelo conhecimento do grupo quer pelo reconhecimento da problemática em questão. Antes de elaborar um plano de ação surgiram as reuniões com o orientador cooperante, juntamente com as colegas de turma onde foi possível através de troca de ideias alinhar todos os pontos para a elaboração do plano. No segundo semestre começou-se a implementação das atividades para o estudo de investigação.

A ética e a confidencialidade

É de extrema importância que o investigador respeite todas as normas éticas tendo em consideração o decorrer de uma investigação.

O presente estudo segue estes princípios éticos: os nomes das crianças são representados com algumas iniciais dos seus nomes próprios, no que diz respeito ao instrumento de recolha de dados (fotografias, filmagens) foram solicitados pedidos de autorização aos pais (anexo), dos quais todas as respostas foram positivas.

Assim como afirma Tuckman (2000) os princípios que antecedem qualquer investigação: preservar a integridade física, mental e moral dos participantes; comprometer-se a confidenciar os resultados obtidos e seguir os princípios deontológicos da investigação na área científica em que o investigador atua.

Descrição das atividades desenvolvidas

Serão descritas as atividades realizadas, mencionando todos os objetivos, recursos e a descrição de cada uma. As atividades desenvolvidas tiveram várias etapas para a sua concretização acabando porque não seguir a planificação inicial.

Atividade nº. 1: Pintura da primavera

Objetivos:

- Pintar uma tela alusiva à temática da primavera.
- Produzir composições plásticas através de temas reais
- Localizar a cidade e o país no globo terrestre.
- Ajudar na construção de uma chuva de ideias sobre a Primavera.
- Participar no diálogo em grande grupo.

- Descrever o que vê, na pintura.
- Identificar a temática através da visualização da pintura.
- Distinguir o termo pintura de desenho.
- Identificar o pintor como autor da obra de arte.
- Escolher as cores adequadas à temática.
- Respeitar a proporção da tela.

Síntese:

A estagiária pede as crianças para irem dizendo palavras que estejam relacionadas com a estação do ano. Depois de recolhidas as opiniões das crianças é feito um breve apanhado de todas as ideias, elaborando uma chuva de ideias no quadro de giz.

Informa-os ainda que hoje serão todos pintores, apresentando às crianças algumas pinturas alusivas à temática. Durante esta apresentação, vai colocando algumas questões sobre tudo que é possível visualizar nas mesmas, chamando a atenção para o facto de estas conterem todas assinaturas. Seguidamente explica-lhes que as assinaturas identificam o autor, da mesma forma que eles escrevem o seu nome em todos os desenhos e fichas que realizam.

Posteriormente apresenta três quadros alusivos à estação da primavera, sendo que dois deles são bastante conhecidos mundialmente, a pintura “primavera” do conhecido pintor Sandro Botticelli, a pintura “vaso com doze girassóis” do pintor Vicente Van Gogh e ainda a pintura “Dia de primavera em uma casa de palha com lilases florescendo” de Peder Mork Monsted.

É distribuída por cada criança uma folha com as mesmas dimensões que a tela tem, e a respetivas lata com os lápis de cor, alertando que o que fizerem no desenho depois vai ser feito na tela.

Á medida que as crianças terminam o seu desenho, a estagiária veste um avental para proteger a roupa, fornecendo as telas e os pinceis para que possam realizar a sua pintura.

Avaliação:

- Pinta uma tela alusiva à temática.
- Produz composições plásticas através de temas reais.
- Localiza a cidade e o país no globo.
- Ajuda na construção da chuva de ideias sobre a Primavera.
- Participa no diálogo em grande grupo respeitando os turnos de fala dos colegas
- Descreve o que vê na obra apresentada.
- Identifica a temática presente na pintura.
- Distingue o termo pintura de desenho.
- Identifica o pintor como autor da obra.
- Escolhe as cores adequadas à temática.
- Respeita a proporção da tela.

Materiais:

Todos os materiais usados nesta tarefa vão de encontro ao objetivo final da realização da atividade.

Deste modo é importante destacar os seguintes:

- Folhas de desenhos;
- Lápis de cor;
- Aventais;
- Manguitos;
- Telas;
- Pinceis;
- Tintas.

Atividade nº. 2: Massa de modelar

Objetivos:

- Participar no diálogo em grande grupo.
- Produzir composições plásticas através de temas reais.
- Desenvolver a sensibilidade artística.
- Promover o sentido estético.
- Desenvolver a criatividade ao criar escultura.

Síntese:

Apresenta às crianças várias imagens de diferentes animais marinhos, assim como plantas que vivem no mar. Questiona as crianças qual o animal que mais gostam, de seguida convida as crianças a fazerem esses animais em barro.

Fornece a cada criança um bocado de barro e numa primeira fase deixa que as crianças a manipulem. De seguida convida-os a moldarem o barro para criar o que tinham dito anteriormente.

Depois de concluídas todas as peças, serão colocadas a secar, para que sejam pintadas posteriormente.

Avaliação:

- Participa no diálogo em grande grupo.
- Produz composições plásticas através de temas reais.
- Desenvolve a sensibilidade artística
- Promover o sentido estético,
- Desenvolver a criatividade ao criar esculturas.

Material:

- Barro/massa d modelar
- Pinceis
- Tintas

Atividade nº. 3: Vitrais

Objetivos:

- Participar no diálogo em grande grupo.
- Desenvolver a sensibilidade artística.
- Produzir composições plásticas através de temas reais
- Promover o sentido estético.
- Pintar um vitral alusivo à temática
- Desenvolver a criatividade ao criar pintura no vitral.

Síntese:

A estagiária apresenta às crianças várias imagens de vitrais de igrejas, explicando às crianças que esta é uma técnica de pintura que muitos deles já viram nas igrejas.

De seguida mostra às crianças um exemplar de um vitral, deixando que as crianças possam tocar. Posto isto, a estagiária propõe às crianças para criarem um fundo do mar em conjunto. Numa primeira fase pede às crianças que façam o esboço da parte do mar que querem pintar.

No final das crianças realizarem os seus desenhos a estagiária explica que agora vão fazer o desenho no vidro. Nesta fase as crianças são divididas em 2 grupos. Enquanto um grupo estará a pintar o seu vitral o outro estará distribuído pelas áreas básicas de atividade. A estagiária distribui pelas crianças os pinceis, as tintas e os vitrais. O desenho é colocado por baixo do vitral e as crianças decalcam.

Avaliação:

- Participa no diálogo em grande grupo.
- Desenvolve a sensibilidade artística
- Produz composições plásticas através de temas reais.
- Promove o sentido estético,
- Pinta um vitral alusivo à temática.
- Desenvolver a criatividade ao criar esculturas

Materiais:

- Folhas de desenho;
- Lápis de cor;
- Pinceis;
- Vitrais
- Tintas de vitrais

Análise e Recolha de dados

Nesta fase é possível perceber todo o desenrolar das atividades, é feita uma referência à introdução das mesmas, ao seu desenvolvimento e à reflexão final de cada uma.

O principal objetivo é exibir a análise e interpretação dos resultados obtidos com as atividades desenvolvidas no estudo “artistas no pré- escolar”. Deste modo, serão apresentados todos os resultados obtidos e a avaliação geral de cada uma.

Atividade nº 1 “Pintura de Primavera”

Intencionalidade educativa:

Esta atividade foi o ponto de partida de todo o projeto. A escolha da mesma deveu-se ao fato de inserir o tema da Primavera na minha semana de implementação. Por outro lado por ser a técnica que se sentiram mais à vontade a investigadora escolheu-a como a primeira.

Introdução da atividade:

Deu-se início à atividade, apresentando três pinturas sobre a temática e convidando-os a serem todos artistas, desafiando-os a fazer um quadro sobre a primavera.

O entusiasmo por parte das crianças foi notório desde o início, embora algumas tivessem reticentes, devido ao fato de se acharem incapazes de realizar o pretendido.

Desenvolvimento da atividade:

Houve necessidade de alterar a forma como a atividade foi desenvolvida, pois em diálogo com a educadora cooperante chegou-se ao consenso que talvez fosse melhor antes de reproduzir o desenho na própria tela, este fosse feito com tinta numa folha exatamente com as mesmas proporções.

Numa primeira fase todas as crianças fizeram o desenho daquilo que pretendiam pintar posteriormente na tela. Enquanto alguns realizaram o seu desenho de acordo com as pinturas que tinham sido visualizadas (como o caso do B), outras crianças deram asas à sua imaginação (como o caso da BL).



Imagem 3 - B pintando um vaso de 12 girassóis



Imagem 4. Desenho de BL

Houve uma necessidade da pintura ser realizada em pequenos grupos (3 ou 4 crianças), pois só deste modo se conseguia dispensar a atenção necessária ao objeto de estudo.

A maioria das crianças demonstrou logo grande vontade de começar a pintura preocupando-se sempre em elaborar a sua pintura de acordo com o que tinham desenhado. Deste modo o desenho era colocado em frente à criança para que esta pudesse visualizar tudo o que tinha desenhado.



Imagem 5- desenho e pintura da AF

Depois de todas as crianças terem a oportunidade de fazer a sua pintura na folha passou-se à etapa seguinte, a pintura na tela. Uma das crianças estava a faltar à várias semanas seguidas e questionou logo o que estavam todos a fazer. Antes mesmo da investigadora ter oportunidade de lhe explicar a FS disse: “Primeiro fazes o desenho da primavera, depois pintas nesta folha, depois a Sara dá-te uma tela e depois és uma artista.” Todas as crianças demonstraram vontade de começar logo a pintar, pois como referiam várias crianças, “agora sim vamos todos ser artistas” (FA, IQ, FS, S, M, IM)

O resultado final foi apresentado ao grupo todo e foi extremamente prazeroso ver o ar de felicidade de todos ao admirarem as suas obras de arte.



Imagem 6- G a iniciar a sua pintura

Reflexão da atividade:

Dado que crianças nunca tinham tido contato com este tipo de material (tela), acartou-se o conselho da educadora e deste modo, a atividade teve uma extensão de tempo maior da que estava planeada.

Pode-se observar claramente que todas as crianças tiveram bastante dificuldade em representar tudo que tinham desenhado, não só pelo manuseamento do pincel, como também pela falta de prática na realização de pinturas. Destaca-se somente a IM pela facilidade de manuseamento do pincel e pela facilidade de concretização de toda a pintura.

Um dos aspetos que ao inicialmente foi considerado uma condicionante foi a intervenção da animadora nas primeiras pinturas dando uns retoques nos trabalhos de algumas crianças para que estas conseguissem realizar tudo que tinham feito na pintura. Deste modo, pode-se perceber que até a animadora estava envolvida no trabalho querendo participar. Houve então a necessidade de pedir para não o fazer, pois deste modo iria acabar por a influenciar o objeto de estudo.

No que diz respeito à escala do desenho e da pintura, observou-se claramente que em todos os desenhos aumentou, havendo alguns que a escala aumentou de tal forma que os desenhos foram alterados totalmente, como o caso da tela da MG.

Algumas das crianças aperceberam-se desse pormenor tornando-se uma preocupação constante. Questionou-se o S que virou a tela ao contrário e ele respondeu: “tenho que virar, porque senão não cabem as flores todas” Outro aspeto que me despertou interesse foi a necessidade de contornar os desenhos como tinham feito nos desenhos com o lápis de carvão, havendo alguns casos que a cor preta era uma mancha permanente em toda a pintura.

Num dos casos, nomeadamente pintura da IQ na pintura em folha, a cor preta tornou-se a cor mais utilizada em todo o desenho. A certa altura a investigadora tirou o boião dessa cor de cima da mesa e questionou-a se já tinha terminado a sua pintura, ao que esta respondeu “Não, preciso de mais preto para ficar mais bonito.”

Atividade nº 2 Massa de modelar

Intencionalidade educativa:

A massa de modelar foi a segunda técnica escolhida para o projeto, pois constatou-se ao longo das observações em contexto de PES que no geral todas as crianças demonstravam interesse em manusear plasticina. No entanto, diálogo com a educadora cooperante verificou-se que as crianças nunca tinham manuseado este material, daí considerar interessante.

Por outro lado, o objetivo primordial é que todas as atividades promovam a expressividade e confiança de cada criança.

Introdução da atividade:

Esta atividade foi implementada entre o dia 30 de abril e o dia 1 de maio de 2013 numa das semanas que não era de implementação.

Iniciou-se a atividade questionando o grupo se conheciam aquele material, as respostas eram unânimes, todos diziam que era pasta de papel. Depois de se chegar à conclusão que o seu nome verdadeiro era massa de modelar, convidei as crianças a moldarem um animal do fundo do mar.



Imagem 7 Quadro de introdução da atividade

Desenvolvimento da atividade

Na semana anterior o assunto integrador tinha sido o fundo do mar. Com auxílio dum quadro feito com imagens do fundo mar, apresentado na semana anterior as crianças foram idealizando o que pretendiam fazer. Numa primeira fase, manusearam livremente o material e só depois é que criaram as suas peças.

Somente as crianças que frequentavam o ATL conheciam este material, deste modo tornou-se um desafio para o restante grupo.

Algumas crianças demonstraram imensa dificuldade em representar algo que se assemelhasse à realidade, mas todos estavam muito motivados em realizar o pretendido, perguntando frequentemente se podiam fazer mais que uma peça.

Todas as crianças demonstraram bastante entusiasmo, proferindo comentários como:

“Sara, o meu tubarão está a ficar mesmo giro não está?” – Dito pelo A

“Estou a fazer uma rocha do mar. Depois posso fazer mais?” - Dito pela IQ

“Eu não sei fazer peixes, mas vou fazer outros animais” - Dito pela *M*

Depois de estarem completamente secas foram pintadas livremente e deste modo surgiram peças bastante interessantes.



Imagem 8- A F e F a iniciarem a pintura das suas peças



Imagem. 9 - A A pintar a cabeça do tubarão



Imagem 10- Tartaruga da IM



Imagem. 11- Polvo da M

Reflexão da atividade:

Esta atividade foi muito bem conseguida, pois durante todo o processo praticamente não houve nenhum condicionalismo da parte de nenhum adulto. As crianças puderam exprimir-se livremente que na escolha da peça que pretendiam desenvolver, quer na escolha das cores para a decoração da mesma. O único momento que houve alguma interferência por parte de um dos adultos presentes na sala, foi logo no início da atividade quando se questionou as crianças que material era aquele. O objetivo era que me fossem dando ideias do que achavam, no entanto a certa altura a animadora do jardim interferiu dizendo que não era pasta de papel, como as crianças diziam, mas sim massa de modelar e que as crianças que frequentavam a sua sala no ATL já tinham tido contato com o material e tinham obrigação de saber o que era.

Quando as crianças começaram a manusear o material foi uma alegria contagiante em toda a sala, pois estavam bastante satisfeitas a realizar as suas peças, inclusive muitas delas perguntaram por diversas vezes se podiam fazer mais que uma.

Houve necessidade de ajudar algumas crianças na junção de partes das peças, como as patas e a cabeça, pois ao secarem iriam descolar.

Depois de secas procedeu-se à pintura das mesmas, esta fase final da atividade foi encarada com bastante entusiasmo, pois foram colocadas à disposição das crianças todas as cores disponíveis. Deste modo puderam exprimir-se livremente sem seguirem nenhum protótipo.

Foi bastante prazeroso ver as crianças a exibirem as suas rochas, conchas, algas, tubarões, peixes balões perante os restantes colegas com muito orgulho.

Atividade nº 3 Vitrais

Intencionalidade educativa:

Este foi a última atividade a ser desenvolvida no âmbito deste estudo. A escolha desta técnica para o final deveu-se ao fato de seria a mais complexa tanto a nível do cuidado do material como à técnica da pintura.

O tema escolhido para a pintura dos vitrais foi o fundo do mar, pois o grupo demonstrou bastante interesse por esta temática.

Introdução da atividade:

Esta atividade teve início de implementação no dia 4 de junho e esteve integrada na planificação semanal de Prática de Ensino Supervisionada II.

Como ponto de partida para a mesma foi mostrado um exemplar de um vitral às crianças, e estas foram questionadas se sabiam o nome daquela peça. Uma das crianças do grupo prontificou-se a responder que achava que era um vitral igual aos das igrejas.

Antes mesmo que sugerisse que criassem todos um vitral, o FA perguntou se podiam pintar um, ao qual foi respondido que era uma ótima ideia, mas que primeiro era importante escolhermos um tema para todos fazerem segundo o mesmo. Nem foi preciso sugerir o tema, pois chegaram todos a um consenso, o fundo do mar foi a escolha.



Imagem12- Início da pintura do vitral do G



Imagem 13- Felicidade da B preparada para iniciar a pintura do vitral



Imagem 14- Pintura do vitral do S

Desenvolvimento da atividade:

Numa primeira fase foi explicado a todo o grupo como se iria realizar a atividade. Primeiramente foi distribuído uma folha de papel a cada criança, com as mesmas dimensões do vitral e convidou-se a cada um fazer desenho daquilo que queria pintar no seu vitral.

Tinha sido planeado dividir as crianças em dois grupos para fazerem a pintura do vitral, no entanto devido à fragilidade do material considerou-se mais conveniente realizar esta fase da atividade em grupos de 3 e 4 elementos no máximo. Assim que terminaram os desenhos, a folha foi colocada por baixo do vidro e cada um pintou o seu vitral. Todas as crianças demonstraram grande vontade de começar a pintar o seu vitral, o entusiasmo era geral.

No final surgiram vitrais bastante interessantes e o seu conjunto tornou-se uma peça fantástica. Foi bastante gratificante verificar a alegria das crianças ao ver a junção de todos os vitrais.

Reflexão da atividade:

Sem dúvida que foi pertinente optar por escolher esta atividade como última, pois ao longo do tempo de PES II, pude observar uma evolução enorme na técnica de pintura de todo o grupo.

Não houve qualquer tipo de condicionalismo nesta atividade, daí ter-se tornado a mais interessante no meu ponto de vista. Todas as crianças puderam exprimir-se livremente e foi possível visualizar isso mesmo enquanto pintavam o vitral. Depois de seco foi bastante interessante ver as crianças a pegarem no seu vitral e colocarem-no à luz para ver o resultado final.

No final foi realizado um pequeno diálogo com todo o grupo onde se questionou cada criança qual a atividade que lhe tinha dado mais prazer realizar. Foi bastante prazeroso para verificar que quase em unanimidade todas as crianças respondiam que não conseguiam eleger uma atividade como sua preferida, pois tinham-se sentido uns verdadeiros artistas.

Apresentação pública dos trabalhos realizados:

No final do ano, mais propriamente na festa de final de ano do jardim-de-infância, foi feita uma apresentação pública de todos os trabalhos realizados no âmbito do estudo de investigação. Essa apresentação foi feita na sala de atividades das crianças, esta foi organizada de modo a que gera-se uma melhor visualização das obras de artes.

Foi bastante gratificante verificar o entusiasmo e o orgulho das crianças ao mostrarem os pais as obras que tinham criado, proferindo comentários como: “vês mãe sou um artista!” - D; “gostas da minha obra de arte?”- A; “isto é arte!”-M.

Muitos foram os pais que no final agradeceram o trabalho realizado com os seus filhos, pois ao longo do “ano” em casa comentavam com bastante alegria os trabalhos que iam fazendo na escola com a estagiária.

“ O D realmente dizia que era artista!”



Imagem 15 -Cartaz da exposição



Imagem 16- exposição



Imagem 17- exposição das telas



Imagem 18- exposição das peças de massa de modelar



Imagem 19- exposição do vitral

Conclusões

Neste capítulo são referidas as principais conclusões que se pode tirar de todo o estudo, procurando dar resposta às questões de investigação.

Primeiramente é feita uma referência a todas as conclusões do estudo, de seguida uma pequena abordagem das principais limitações encontradas, e por fim as recomendações que considero importantes para futuras investigações desta qualidade.

Curiosamente se era um grupo com muita dificuldade de concentração, ao longo de todas as atividades que foram realizadas dentro do estudo o índice de centralização e de motivação tornou-se elevadíssimo, sempre interessados em saber qual era a fase seguinte, com vista no produto final. Assim pode-se concluir que quando as atividades são bem planificadas os índices motivacionais aumentam significativamente. As temáticas abordadas no estudo foram surgindo naturalmente e nunca impostas diretamente às crianças, emergindo em resposta às curiosidades das mesmas.

A expressão plástica é um forte alicerce para o desenvolvimento cognitivo e comunicativo desta faixa etária. Ao exprimir-se livremente a criança vai ganhando autoconfiança, o que proporcionará também um melhor relacionamento com os seus colegas como se pode concluir. O domínio da expressão plástica proporciona o desenvolvimento da expressão verbal e não-verbal o que levará a resolução de situações futuras em qualquer uma das outras áreas de conteúdo. Através da expressão livre a criança aprende a comunicar utilizando todos os tipos de comunicação que tem ao seu alcance.

É importante que o adulto não influencie a capacidade expressiva da criança, corrigindo ou ajudando-as no seu trabalho, pois deste modo está a reprimir a sua criatividade.

É de extrema importância referir que as crianças não são esponjas de conhecimento, não se deve simplesmente despejar conhecimentos para que o reproduzam de forma mecânica, mas sim orientar-lhes o conhecimento proporcionando atividades diversificadas que facilitem o seu desenvolvimento integral. Devemos proporcionar atividades diferenciadas e não nos cingirmos pelo registo ou o desenho livre, pois só deste

modo se vai gerar uma melhor exteriorização dos seus sentimentos e pensamentos. Sem qualquer tipo de dúvida que a expressão plástica é a melhor forma das crianças exteriorizarem as suas emoções.

Por outro lado a utilização de uma grande variedade de materiais de arte plástica dentro da sala de atividades proporcionará um maior interesse das crianças para as atividades a desenvolver dentro desta área. Assim podemos referir que diversidade de materiais e recursos utilizados possibilitam manter e aumentar índices motivacionais elevados para as tarefas que possam ser realizadas. Neste estudo, se ao início as crianças não se consideravam capazes de realizar determinada tarefa pela insegurança no manuseamento dos materiais, ao longo das atividades foram tomando consciência que eram capazes, revelando assim uma motivação para realizar as coisas “difíceis”. Se por vezes a insegurança pode retrair as emoções das crianças inibindo-as, neste estudo de caso a situação proporcionou-se doutra forma. As crianças rapidamente se desinibiram exprimindo-se livremente e sem medo do desconhecido. No início ao visualizarem as obras de arte, consideravam uma tarefa muito complicada e impossível de realizar por eles, mas ao ser decomposto o produto final pelas várias etapas de construção consideravam-no muito mais interessante e a tarefa ficava muito mais facilitada.

Um dos materiais utilizados era demasiado minucioso, vitral, desde o início a opinião de toda comunidade educativa era unânime, considerando demasiado arriscado utiliza-lo. Quer pelo cuidado necessário ter com o mesmo, quer pela técnica de pintura não estar adaptada à faixa etária. No entanto contrariamente à ideia de todos decidi arriscar e o resultado final foi fantástico.

Por último é importante refletir sobre o fato de se conseguir facilmente perceber a evolução das crianças ao longo de toda investigação. Eles próprios no final consideraram-se artistas pois conseguiram realizar obras de arte, principalmente quando expuseram os seus trabalhos para que todos pudessem ver. Esse foi sem dúvida um dos pontos mais marcantes de todo o processo para eles. As atividades propostas foram sem dúvida uma mais-valia para todo o grupo, pois verificou-se uma evolução enorme nos desenhos das crianças e na forma de se expressarem. Se no início se verificava que as crianças não apreciavam muito atividades de artes plásticas, na fase final do estudo já eram elas que

pediam para nos tempos livres as fazer. Na fase inicial não se sentiam capaz de realizar as tarefas, tendo necessidade de serem constantemente estimuladas para a realização das mesmas, já no fim mostravam as suas atividades com o maior contentamento possível. Tal como afirmar diversos autores, atividades dentro da expressão plástica, ou dentro de qualquer tipo de expressão são sem dúvida a melhor forma que a criança em idade pré-escolar tem para exteriorizar os seus pensamentos. Fazendo uma análise de todo o processo, pode-se afirmar que todas as fases se interligaram, proporcionando desta forma uma melhor complementação do trabalho final.

Houve um ajuste tarefas, o tempo de duração de cada atividade excedeu o estipulado nas planificações pelo fato de serem materiais frágeis que necessitavam de um acompanhamento próximo e individual do trabalho de cada criança. Deste modo, também se pode dar atenção a todos os pormenores de uma forma mais individualizada.

Uma das maiores limitações do estudo sem dúvida que foi a disposição da sala de atividades. Era um grupo muito grande e as atividades propostas no estudo requeriam um cuidado especial no manuseamento dos materiais, deste modo, foram agrupadas três ou quatro crianças, no máximo, na mesa redonda que se encontrava num canto da sala, para que pudesse prestar um maior auxílio. Por outro lado o fato de não ter par pedagógico nem sempre facilitou a realização das atividades pois não tinha apoio direto sem ser a educadora cooperante.

Em relação a recomendações para futuras intervenções deste género dentro de um contexto educativo apelo à organização de atividades que proporcionem constantemente uma exteriorização dos sentimentos, emoções e ideias. Outra recomendação importante é a melhor organização do tempo. Neste caso também foi uma limitação pessoal, o fato de eu trabalhar os fins de semanas, fez com que muitas vezes não fosse capaz de disponibilizar o tempo essencial para o estudo.

Capitulo III

Reflexão final

Neste último capítulo é apresentada uma reflexão final da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II e no contributo que esta irá ter na minha vida enquanto futura profissional na área da educação.

É importante evidenciar que esta reflexão não se trata só de uma reflexão diária da prática, mas também de uma reflexão e partilha de todas as angústias e interrogações que emergiam ao longo de todo o percurso. Foram vividas imensas experiências enriquecedoras que foram a base de um futuro promissor enquanto profissional da área.

A prática iniciou-se com a unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada I, através de algumas sessões de observação participativa no contexto educativo. Este foi um ponto de partida muito importante para todo o processo, onde houve possibilidade de observação e adaptação para conhecer o contexto e o grupo de crianças.

O receio e insegurança foi um dos sentimentos que me acompanhou logo desde o início, pois estava numa cidade nova, num contexto que me era completamente desconhecido. Desde o princípio tive uma visão diferente daquilo que era uma sala de atividades. Um dos fatores de impacto logo desde o início mal entrei na sala foi a disposição da mesma, pois nunca tinha visto em contextos de estágios anteriores uma sala de pré-escolar com as mesas dispostas em forma de U, mas rapidamente me adaptei a esta organização. Cedo mudei a minha visão sobre este assunto, considerando até um ponto positivo, devido ao fato de serem crianças de 5 anos, que no ano seguinte iriam entrar no primeiro ano do ensino primário, daí terem de se adaptar a um novo contexto de sala.

Um entrave a este percurso de trabalho foi o fato de estar a trabalhar sem par de estágio, pois tive que planear e implementar todas as semanas sem auxílio do par. Esta situação proporcionou que nem sempre as implementações corressem da forma desejada. No entanto é de salientar o auxílio da educadora cooperante para que tudo corresse bem, contribui-o desde sempre para a melhoria da prática.

Ao fazer uma análise das primeiras implementações recordo-me que o nervosismo era o sentimento predominante, pois não sabia até que ponto seria capaz de realizar todas as atividades que me tinha proposto a fazer na planificação. Por outro lado, tinha medo não conseguir controlar o grupo em momentos de maior agitação, de não corresponder às

suas necessidades. Ao longo das sessões e através da reflexão das mesmas, fui conseguindo ultrapassar esse nervosismo sentindo mais confiança, percebendo que nem sempre era possível concretizar tudo que está na planificação, que esta muitas vezes serve só de fio condutor.

Relativamente à PES II, passamos de uma implementação semanal, para três, onde nível de exigência aumentou e o rigor também. O envolvimento com o grupo tornou-se mais próximo e mais eficaz no que diz respeito à abordagem de todas as áreas de conteúdo e domínios. Nesta altura a minha confiança também se fortaleceu, melhorando a minha prestação enquanto estagiária.

Tanto na PES I, como na PES II é de referir que todos os passos são de igual importância, desde a observação, planificação, implementação e por fim à reflexão, na medida em que serviram na sua totalidade para o enriquecimento da prática e melhoria da mesma.

No que diz respeito ao estudo em questão, *Artistas no Pré-Escolar* foi implementado no PES II, foi sem dúvida uma mais-valia para o desenvolvimento integral das crianças. Foi muito enriquecedor verificar a evolução da maioria das crianças desde o primeiro desenho até a todos os produtos finais e perceber a satisfação dos mesmos ao ver os seus resultados.

Posso concluir que este ano letivo foi o mais importante da minha vida académica, proporcionando um enorme crescimento pessoal e profissional, através da partilha de conhecimentos não só dos docentes da unidade curricular, como também da educadora cooperante e das próprias crianças.

Referências Bibliográficas

- Arlação, I. (2010). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. Porto: Cortez Editora.
- Bédarde, N. (2000). *Como interpretar o desenho das crianças*. Nem Martins: Edições Cetop.
- Brito, & Godinho. (2010). *As Artes no Jardim de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Charreu, L. (2001). *Técnica, espaço escolar e criatividade no ensino da expressão plástica*. Porto: Porto Editora.
- Esteves, L. M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- infopédia*. (2003/2016). Obtido em 1 de Outubro de 2016, de Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com acordo ortográfico: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/educador>
- Leite, E., & Malpique, M. (1986). *Espaços de criatividade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Lessard-Hébert, M. (1996). *Pesquisa em Educação*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ministério de Educação. (30 de Setembro de 1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Oliveira, L., Pereira, P., & Santiago, R. (2004). *Investigação em Ação*. Porto: Porto Editora.
- Read, H. (2001). *A Educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rodrigues, D. D. (2002). *A infância da Arte, a arte da Infância*. Porto: ASA.
- Silva, I., & Marques, M. L. (2016). *OCEPE (Orientações curriculares para educação pré-Escolar)*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral de Educação.
- Silva, M. I. (1997). *OCEPE- Orientações para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tripp, D. (2005). *Educação e Pesquisa*. São Paulo: Universidade de Murdoch.
- Tuckman, W. B. (2000). *Investigação Educacional*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos

Anexo1

Comunicado aos pais:

Eu, Sara Lima Fernandes, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, fui colocada no Jardim de Infância do Meio da Areosa para realizar o estágio anual final.

Assim, venho por este meio solicitar a autorização do encarregado de Educação para poder fotografar/filmar o seu educando, assim como utilizar os dados da ficha de anamnese (idade, profissão, agregado familiar...) mantendo o anonimato de forma a complementar o meu relatório final do mestrado.

Grata pela Atenção

(Sara Fernandes)

Nome da criança: _____

Sala dos 5 anos da Educadora Branca Afonso

Autorizo

Não Autorizo

(Assinatura do encarregado de educação)

Anexo 2

Imagens introdutórias da primeira atividade

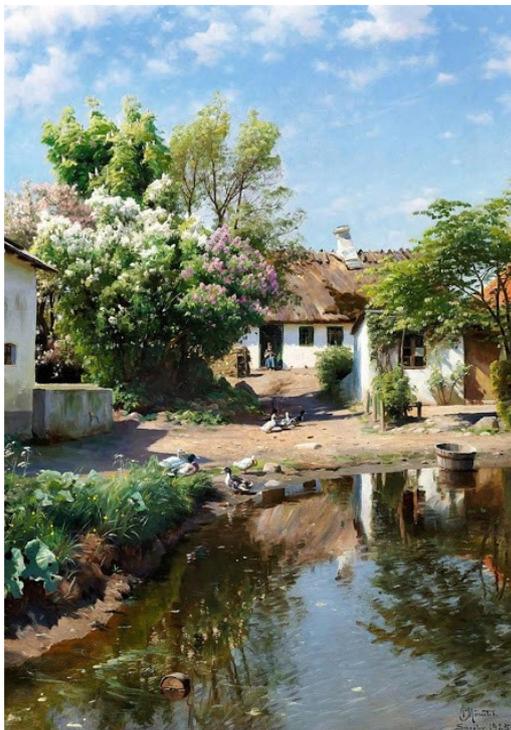


Imagem 20- quadro de Peder Mork



Imagem 21- quadro de Vangogh